



S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO III N.º 28
MARÇO DE 1960

Composição e impressão
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= B R A G A =

○ Senhor Poeta não Morreu

FOI com viva emoção que o povo de S. Paio recebeu a notícia da morte do Senhor Poeta, aos 17 minutos do dia 20 de Fevereiro. Há dois dias que vivíamos em sobressalto, sobretudo desde que se espalhou, rápida como o vento, a notícia de que o Senhor Reitor já o tinha sacramentado.

Com o passar das horas, crescia a ansiedade no coração da nossa gente. E por isso muitos corriam constantemente à Quinta, a saber notícias do querido enfermo. Infelizmente essas notícias, que corriam velozmente de boca em boca, aumentavam cada vez mais a angústia dos nossos corações. E finalmente, à meia noite, a irmã morte passou em S. Paio e deixou-nos amarfanhados de dor. Essa notícia negra chegou a todas as nossas casas antes que a luz da aurora despontasse sobre os montes da Cividade. Não havia dúvida: Ele, o Senhor Poeta, o «nosso» Senhor Poeta ali da Quinta, morrerá. E isso para nós, gente de S. Paio, era notícia quase inacreditável, era dor quase insuportável. Mas era verdade. E então corremos para lá, para a Quinta, essa Quinta onde tantas vezes o vimos, onde tantas vezes lhe falamos, onde tantas vezes recebemos dele a esmola grande da largueza da sua caridade.

Vimo-lo morto, e lá estivemos horas seguidas (e mais estaríamos se nos fosse possível) a matar a nossa grande saudade e a desafogar a nossa dor.

É que os outros chamavam-lhe grande Poeta, vate genial, cantor imortal e tantos outros nomes sonorosos e bonitos. Mas esses que assim chamaram e escreveram chamarão os mesmos, a outro que apareça. Mas nós Senhor Poeta, só tínhamos um.

Sim, porque ele era nosso, muito nosso. Pois não é em vão que uma alma grande, cristã, generosa, dedicada e fina vive durante 50 anos na nossa terra. Meio século é muita para que não lhe possamos chamar nosso, para que não o sintamos muito nosso. Nosso conterrâneo, nosso amigo, nosso exemplo e modelo em todas as coisas, nosso protector e (porque não?) o nosso Poeta.

Fomos nós que o vimos comungar muitas vezes na nossa Igreja, que, admirados, o vimos enternecedoramente verificar se a lâmpada do Santíssimo ardia, que o contemplamos, por muitas vezes e por largos minutos, a orar recolhidamente, mãos no rosto, diante do altar de Nossa Senhora das Vitórias.

E de mais, que foi que ele cantou?

Cantou Deus, Portugal e suas coisas, é verdade. Mas Portugal cantou-o ele por nós e em nós.

É por isso que ele para nós não morreu. Não pode morrer nos nossos corações quem tão profundamente lá estava gravado. Não morrerá na memória dos nossos filhos, que nós isso nunca permitiremos.

Ele não morreu, não. O seu corpo cansado de lutar e de sofrer, foi descansar ali aos pés da imagem de Nossa Senhora do Rosário, ao lado da sua esposa — a mãe dos pobres de S. Paio — e à sombra das árvores que tão bem cantou. A sua alma, assim o acreditamos, foi cantar na glória aquilo que na terra sempre professou:

Manhã do Credo

Amor! Amor! eu creio na Promessa;
Creio no Credo; creio no destino
Das almas imortais, e no divino,
Suavíssimo Esplendor que mais não cessa.

Creio na vida em Deus, que a Deus regressa;
Creio no Dia, sempre matutino
E não como o do sol: ora menino.
Logo de encontro à noite onde tropeça.

Faze, Maria! por virtude tua,
Que em breve eu passe o transe desta rua
Do mundo, e chegue aos teus Jardins do Céu.

— «António? António?» E quando, enfim, chamares,
O meu olhar responda aos teus olhares:

— «Maria, aqui estou.» — «És tu?» — «Sou eu!»

Poeta das Mãos Erguidas

Toda a poesia de Correia de Oliveira é uma oração. Sobe direitinha para Deus como as torres para o Céu. Mesmo quando se fica nas eiras ou a rodopiar nas romarias.

Nos seus versos em que afloram todas as ondas do sentimento humano há qualquer coisa da inocência original, de uma beleza e equilíbrio onde a presença de Deus brota espontaneamente como água da fonte.

Os nossos olhos têm o condão de dar luz às coisas. Estas recebem sempre a côr dos olhos que as vêem. Mais que os olhos, a alma. A alma de Correia de Oliveira era uma alma que vivia pertinho de Deus. Na natureza, nas cantigas do terreiro, no viver do povo e nos murmúrios do coração era Deus quem ele surpreendia. Deus na beleza da sua criação. Alma simples a de António Correia de Oliveira, aberta para a graça como o girassol para a luz.

Poeta das mãos erguidas, a quem nem as horas negras e frias nem o sofrimento demoveram ou perturbaram.

A devoção a Nossa Senhora era o segredo que trazia sempre consigo e onde bebia a simplicidade e a pureza das coisas.

A nossa igreja sabe-lhe os versos de cor de tantas vezes os ouvir cantar nos dias 13 ou à tarde dos domingos na Bênção do Santíssimo.

Ali ao perto, acenando sobre os muros da Quinta, lá estava a capelinha da Senhora do Rosário.

A Ela lhe rezava o terço todos os dias. E quando os seus olhos já a não viam, era no seu leito de dôr que passava as contas, acompanhando a reza pela Rádio Renascença.

Sorriso do Céu foi certamente a visita que a Senhora Peregrina lhe fez

em 1950, ali repousando à sombra das árvores do velho solar.

« Azinhheira em flor » foi a última oferta que a sua pena, já trémula, lhe dedicou, como símbolo de um coração que à Virgem da Serra se dera todo.

Morreu num sábado. Esperou em agonia lenta pelos primeiros minutos do sábado da Senhora para voar ao seu encontro. Sobre o seu peito, a acompanhá-lo na grande viagem a Medalha Milagrosa e a da Senhora do Carmo!

Ficaram os pinhais em silêncio e o inverno desceu mais triste sobre a quinta de Belinho. Naquela velha janela, aberta para as heras e para o jardim, há uma saudade que ninguém mais apagará.

Mas no Céu, a estas horas, já os anjos lhe decoraram e cantam os versos.

Correia de Oliveira não era nosso. Era do Alto, do azul e das estrelas onde Deus mora.

PADRE ADÉLIO

Centro Paroquial

Muitas coisas haveria para contar sobre este assunto, mas como não há espaço fica para outra vez.

Por hoje só isto: a gente de S. Paio de Antas, desde o mar a Forjães e de Belinho ao Neiva, continua a provar quanto vale a união duma freguesia.

Bravo, meu povo, assim dá gosto trabalhar por vós.

Ah! mas não esqueçais, antes de tudo sêde cristãos a valer.

Místico do sofrimento

Ninguém mais sensível do que os poetas. Corrêa de Oliveira era príncipe entre eles. Vibrava como ninguém e por isso sofreu como ninguém. O seu livro: SAUDADE NOSSA é a odisséia do seu sofrimento moral incomensurável, mas sempre paciente e resignado.

Os sonetos deste livro são suspiros de dor e de esperança no Além. Recordemos um ao acaso. Seja ele NON SUM DIGNUS que quer dizer *não sou digno*.

«Que esperas tu, Senhor! e não me levas?
Parece, às vezes, que me vais chamar;
Mas, abres mão, e deixas-me ficar
Agarradinho ao chão como as estevas.

Que esperas tu, Senhor! e não me levas?
Oh vão, gentio, ingrato preguntar!
O túbio, incerto, pálido luar
Não faz a inteiro a consumpção das trevas

Queres que eu parta, olhos no sol; e a luz
Precisa em mim mais dor e maior cruz,
Até chegar ao destinado signo.

A morte é Vida Eterna em comunhão;
E, se viver é penitência... então...
— Senhor! Senhor! ainda não sou digno».

Porque conhecia o valor moral do sofrimento nunca se recusou a suportá-lo com resignação. E cantou-o entre gemidos de dor como um verdadeiro místico. Que admira pois que ao rezar a SALVE RAINHA ele se atrevesse a substituir as palavras *neste vale de lágrimas* por estoutas tão suaves, tão doces e tão mimosas *neste vale de sorrisos*?! Santo atrevimento! Santa ousadia!

Só entre os místicos poderemos encontrar e apreciar atitudes como esta. O que espanta é que ele fizesse esta substituição numa altura em que o seu sofrimento era mais duro e atroz! É que falar em resignação é fácil quando se nada em consolações e alegrias. Mas sorrir no meio do sofrimento é heróico! E Corrêa de Oliveira entremeava os seus suspiros de dor com hinos de agradecimento ao Senhor por lhe enviar o sofrimento.

Enaltecer o valor sobrenatural do sofrimento é próprio dos místicos. Cantá-lo é próprio dos poetas. Suportá-lo é próprio dos santos. Corrêa de Oliveira enalteceu-o como místico. Cantou-o como poeta. Suportou-o, com a heroicidade dos mártires, como santo.

Corrêa de Oliveira.

ENCANTO DOS HUMILDES

O povo admirava-o na sua simplicidade, na sua virtude, no seu génio, na sua crença e na sua arte. Decorou-lhe os versos e não se cansava de os cantar. Viveu e sentiu as horas amargas da sua lenta e dolorosa agonia. Estimava-o e apreciava-o como só o povo humilde sabe estimar e apreciar as grandes almas!

Viu-o passar a seu lado irmanado com ele.

Viu-o assistir à Missa com a devoção dos cristãos mais piedosos.

Viu-o ajoelhado na mesa da comunhão ao lado dos filhos mais humildes da nossa terra.

Viu-o passar as contas do seu rosário com a simplicidade encantadora das almas puras e inocentes.

Viu-o regressar do Brasil aureolado de fama e de glória e cobriu-o de flores.

Viu-o, simulando a estátua marmórea da amargura, acompanhar, resignado e pesaroso, os restos mortais de sua santa esposa, tão venerada e chorada como ele.

Viu-o gélido e imóvel na urna e enternecido e devoto ajoelhou e pediu ao Senhor o descanso eterno para a sua bela alma.

Cobriu-se de pesado luto e acompanhou-o à sua última morada.

António Corrêa de Oliveira teimou em se irmanar e confundir com os humildes. Estes, porque admiravam a sua virtude, a sua superioridade e o seu talento, teimavam em o colocar num pedestal que ultrapassava em altura os píncaros mais elevados das mais elevadas montanhas. Ninguém como o povo humilde para pressentir e apreciar as grandes almas!

Noticiário

Baptizados

António Moreira Meira, filho de Manuel António Rodrigues Meira e de Maria Alves Moreira, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 14-2.

Josefina Maria Eiras Novo, filha de José Narciso Novo e de Maria Gonçalves Eiras, residentes no lugar do Monte, foi baptizada a 14-2.

José Luis Campos de Oliveira Santos, filho de José de Oliveira Santos, Guarda Fiscal, e de Maria da Silva Campos, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 21-2.

Viriato Nuno da Costa Barbosa, filho de José Maria Barbosa e de Cândida Gonçalves da Costa, residentes no lugar da Estrada foi baptizado a 27-2.

Maria Meira Couto, filha de Manuel Gonçalves Couto e de Rosária Rodrigues Meira, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizada a 27-2.

É grande obrigação dos pais educar os filhos e o meio mais eficaz e indispensável é o exemplo. Eles são o modelo para quem os filhos olham e tentam imitar. Os pais, se querem aperfeiçoar os filhos, têm de se aperfeiçoar também.

Matrimónio

O amor é condição necessária para contrair matrimónio. Ninguém deve casar com uma pessoa que não ame.

Albino Pires Laranjeira e Alice Azevedo Viana, do lugar de Azevedo, realizaram o seu casamento a 12 de Março.

Felicidades e bençãos de Deus.

Senhor aos doentes

No domingo da Paixão, 3 de Abril, à semelhança dos anos anteriores, será a comunhão pascal dos doentes.

Temos a certeza que todos quantos puderem vão tomar parte na procissão a acompanhar a SS.^{ma} Eucaristia.

Confissões

Como já é tradição, as confissões quaresmais terão lugar na sexta e sábado antes de Ramos, 8 e 9 de Abril.

Procurai preparar muito bem a vossa confissão e comunhão pascal.

Que a confissão seja íntegra, com arrependimento do passado e propósito firme de emenda no futuro.

Vinde todos com as devidas disposições. O Senhor está à vossa espera para vos dar o abraço da reconciliação e a paz à vossa consciência.

Óbitos

José Manuel Ferreira Vaz Saleiro, de um mês de idade, faleceu a 17 de Fevereiro.

António Corrêa d'Oliveira, de 81 anos de idade, natural de S. Pedro do Sul, viuvo de D. Maria Adelaide da Cunha Sottomayor d'Abreu Gouveia Corrêa d'Oliveira, faleceu no lugar de Belinho a 20 de Fevereiro.

De morte repentina, faleceu no lugar de Guilheta, a 10 de Março, José Alves Rolo, de 64 anos de idade casado com Germana Alves Moreira.

Com Aprovação da Autoridade Eclesiástica